

# "Se ontem ainda é hoje"

por KIM

O pálido eco da metralha  
ainda se ouviu,  
E a terra de Flandres,  
ensopada em sangue,  
ainda guarda  
a carne,  
os ossos,  
os corações,  
os cérebros

Dalguns que tombaram —  
Êsses ainda são o pasto  
de sedosos,  
de viscosos  
vermes.

Pó ainda não são!

//

As mesmas árvores  
que as balas fustigaram  
Ainda estendem  
(em patética reza  
para os céus,  
testemunhas indiferentes d'ontem)

os seus braços nús  
de verde,  
de canções d'ave  
de primavera!

E os campos ainda retêm  
a desolação  
que as rubras papoilas  
não podem esconder  
não podem mascarar.

//

Porquê, então —  
Se a Ferida ainda não cicatrizou,  
E a Dôr ainda queima,  
E Ontem ainda é Hoje...

Porquê, então,  
O Homem esqueceu?!

Londres — 37

dez

# Antologia

(Continuação da página seis)

fraquezas ou das suas paixões. Nem a mais breve página da história dêste deplorável reinado, prova que Bacon, ministro, honrasse um dos seus dias com um nobre conselho, com uma digna resistência à arbitrariedade real, com uma iniciativa generosa. Como ministro apenas se ocupou de manter a sua posição, bajulando o rei para conservar o seu apoio, e mais ávido de riquezas que de poder. As memórias e documentos contemporâneos abundam em testemunhos da complacência com que o mais ilustre chanceler de Inglaterra soube vergar a justiça aos caprichos do mais néscio dos seus reis, Jacob I., e do mais fátuo e petulante dos favoritos, o duque de Buckingham. A independência do magistrado que só por si era todo um tribunal, ficou de facto anulada, em todos os processos da sua jurisdição, pela onipotente influência de Buckingham. Com desprezo do que jurou e prometeu ao aceitar o cargo, Bacon autorizou toda a casta de abusos em prejuízo da riqueza pública, concedeu monopólios a clientes ou testas de ferro do real favorito, monopólios mantidos, além disso, por actos de violência autorizados pela chancelaria. «Bacon tinha todas as qualidades do magistrado, menos as virtudes indispensáveis», disse Rémusat.

E não foram estas as suas únicas faltas. A sua baixa venalidade chegou a ponto de permitir que os seus próprios criados enriquecessem vendendo as decisões do amo. O próprio Bacon escreveu num dos seus **Ensaio**s: «Ata não só as tuas mãos e as dos teus para que os presentes não sejam recebidos, como também as mãos dos solicitantes para que os presentes não sejam oferecidos», palavras endereçadas aos magistrados; e, não obstante, o alto magistrado que as escreveu não titubeou em contradizê-las com os seus próprios actos. Não se provou que Bacon vendesse a injustiça, diz Rémusat; a iniquidade estipendiada das suas decisões nunca se provou; vendeu a justiça; sempre afirmou, não ter vendido benefício algum nem cargo eclesiástico; jámais dividiu odiosos proventos com os seus empregados, nem recebeu presentes por negócios da sua alçada. Julgou que receber presentes depois da sentença, ou pelo menos sem saber se o assunto estava ou não julgado, constituía grande diferença de culpabilidade. Sentia-se inocente não havendo jámais, no seu entender, julgado

por dinheiro, e se aceitou presentes, foi porque toda a gente, até o próprio rei, os recebia. Foram estas as desculpas que alegou em sua defesa! Foi processado e condenado a pagar 40.000 libras esterlinas de multa e a ser encerrado na torre de Londres. A sua queda foi proporcionada à elevação do seu setial.

O rei comutou-lhe a pena pela de desterro. No seu retiro campestre, Bacon terminou a obra monumental da sua vida, e em 1623 publicou a sua **Instauratio Magna**, prova da universalidade dos seus conhecimentos, da sagacidade da sua alta inteligência e do seu génio transcendente. No meio dos seus trabalhos filosóficos, tão dignos de encher uma vida inteira, de absorver e ocupar integralmente a mais elevada inteligência, o ministro em desgraça, o caído homem de Estado, agulhado pela sua ambição incorrigível, pelo amargo pesar da sua queda, por prementes necessidades de riqueza, fez esforços desesperados mas inúteis, para recuperar a sua antiga condição e reconquistar as graças reais. Da sua situação miserável, moral e materialmente falando, dirigiu sem cessar instantes cartas ao rei, ao príncipe herdeiro, a Buckingham, a antigos amigos: dava-lhes excelentes conselhos que lhe não pediam; ofereceu-se para serviços em que ninguém teve ideia de o ocupar; solicitou em tom lastimoso perdão das suas culpas, que não obteve; e nunca julgou a sua posição ségundo as leis da honra; só se sentiu desgraçado, e a sua desgraça foi principalmente ver-se privado da presença do rei!!

A mudança de reinado não favoreceu Bacon; Carlos I.º usou, para com ele, da mesma indiferença que seu pai, o defuncto rei. Bacon, desde então —demasiado tarde!—, renunciou a toda a reparação e dedicou-se por completo aos trabalhos filosóficos, que tanta glória lhe conquistaram, como que para fazer olvidar os tremendos defeitos do homem. Morreu a 9 de Abril de 1626, esquecido da corte por completo, e foi enterrado, sem pompa nenhuma, ao lado da tumba de sua mãe. Não teve filhos. Macaulay, no tomo terceiro dos seus **Ensaio**s, ao julgar o autor do **Novum Organum**, aplica-lhe esta sentença do próprio Bacon: «Há homens que pela sabedoria são anjos e pelas paixões serpentes que se arrastam sobre a terra».

sol nascente